

## Cartilha Atípica: O design como ferramenta de inclusão de alunos atípicos na creche e em casa

Bárbara Júlia Coutinho Silva <sup>(1)</sup>, Clara Mello <sup>(2)</sup>,  
Larissa Lopes <sup>(3)</sup>, Maria Eduarda Araújo <sup>(4)</sup> y  
Rayara Teixeira <sup>(5)</sup>

---

**Resumo:** Este projeto é fruto das discussões realizadas na disciplina de Elementos do Design de Serviços, ministrada pela professora Bianca Martins no semestre de 2024.1, na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), situada no Rio de Janeiro, Brasil. A partir da proposta da disciplina, foi necessário analisar um ambiente de ensino e identificar problemas presentes nesses locais, que poderiam ser abordados pelos alunos utilizando o pensamento projetual e as ferramentas do design de serviços. Nesse sentido, iniciamos uma parceria com a Creche Semente, situada no Morro do Borel, comunidade periférica da Cidade do Rio de Janeiro, e, por meio de encontros com a diretora, identificamos a falta de inclusão de alunos atípicos. Diante desse desafio, com base em observações em campo e em pesquisas realizadas através de artigos, livros, sites governamentais e informações do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) 2013, foi desenvolvida uma cartilha com o objetivo de fornecer meios de inclusão e informações de maneira acessível para os responsáveis pelos alunos. Esta cartilha contém dados sobre cinco transtornos: espectro autista, TDAH, dislexia, tourette e depressão, sem desconsiderar a importância de outros. Além disso, aborda temas como leis e direitos, redes de apoio, desafios enfrentados pelos responsáveis e atividades que podem ser realizadas em casa.

**Palavras chave:** Design - inclusão - atípicos - cartilha - design de serviços - educação infantil

[Resumos em espanhol e inglês e na página 108]

---

<sup>(1)</sup> **Bárbara Júlia Coutinho Silva.** Graduanda em Design pela ESDI, se envolveu iniciativas de diversidade e inclusão, como a criação da Cartilha Atípica e do Coletivo Negro ESDI/UERJ. Atualmente, é bolsista do projeto Design & Escola, contribuindo em transformar o ambiente educacional por meio do design.

(2) **Clara Pereira de Mello De Carvalho da Silva.** É aluna do quarto período da graduação em design pela ESDI/UERJ. Integra o Laboratório de Design e Educação (DesEduca Lab) e é bolsista de Iniciação Científica do Núcleo Design & Escola. Tem interesse e motivação pelo design como ferramenta cotidiana e presente na educação.

(3) **Larissa Lopes da Silva.** Graduada em Administração (2021), trabalhou na Prefeitura de Angra dos Reis e na Fiat. Atualmente, estuda Design pela ESDI/UERJ e é bolsista da Faperj, focando em inovação e pesquisa. Participa do projeto WikiDesign e do Coletivo Negro de Design.

(4) **Maria Eduarda Araújo de Oliveira.** Graduada em Design pela ESDI/UERJ, começou como designer gráfico em projetos freelancers. Na faculdade, aprimora suas habilidades e atualmente é bolsista da revista Arcos Design, além de contribuir na comunicação visual do Coletivo Negro de Design da ESDI, promovendo a representatividade negra.

(5) **Rayara Costa Teixeira.** Graduada em Design na ESDI/UERJ, educadora social, bolsista do Núcleo Design & Escola e parte da coordenação do Coletivo Negro de Design da ESDI.

Orientadora: Bianca Martins. Professora da ESDI/UERJ, coordena o DesEduca Lab e o grupo Design & Escola e vislumbra unir conhecimentos e articular pessoas, ações e afetos vendo o Design como meio transformador de práticas educativas.

## Introdução

A Creche Espaço Semente é uma instituição conveniada pela Prefeitura do Rio de Janeiro e fundada pela JOCUM (Jovens Com Uma Missão), movimento missionário internacional e interdenominacional, mais especificamente pela JOCUM Borel, que tem como foco o desenvolvimento comunitário e justiça social. Localizada no Morro do Borel, comunidade periférica situada na Tijuca, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, a JOCUM Borel conta com diversos projetos sociais e são atualmente atendidas 115 crianças entre 2 e 5 anos que frequentam a creche integralmente, das 07:00 às 17:00, de segunda a sexta. (JOCUM Borel, 2025).

Em paralelo, a Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI/UERJ) foi fundada em 1962 e é considerada a primeira escola de design do Brasil. Desde 2017 foi incluído no currículo da graduação o design de serviços. (ESDI/UERJ, 2025) “O design de serviços é a área ou a abordagem do design que visa organizar e estruturar processos por meio de pesquisas e utilizando diversas metodologias, visando beneficiar tanto os usuários quanto os prestadores de serviço, apontando problemas, gerando novas soluções e tornando o serviço o

melhor possível para todos os envolvidos.” (Vianna & Mello, 2024, p. 2). Segundo o UK Design Council (2010) “A ideia do design de serviços é transformar o serviço entregue em algo útil, utilizável, eficiente, eficaz e desejável.”

Dentre as inúmeras aulas ofertadas na ESDI/UERJ, em 2024, na disciplina “Elementos do Design de Serviços”, ministrada pela professora Bianca Martins, tivemos a oportunidade de compreender e colocar em prática a relação entre o design de serviços e a educação. Foi proposto um “mini-projeto” com a temática “Inovação Social na Educação”, “inovações sociais são “novas ideias (produtos, serviços e modelos) que atendem as necessidades sociais e, simultaneamente, criam novos relacionamentos ou colaborações sociais” (Murray, 2010, p.3 citado por Serpa & Cipolla, 2016, p.3). Nessa disciplina os estudantes deveriam buscar parceiros de projeto em ambientes da educação formal, identificando uma oportunidade de projeto que abrangesse atender a demandas reais daqueles que estão no cotidiano escolar para então definir uma proposta de Design de Serviços, utilizando seus conceitos e ferramentas, além da metodologia do Design Centrado na Comunidade (CDD). Diferentemente da abordagem do Design Centrado no Usuário, o CDD foca em toda a comunidade, visando ser uma ferramenta potente de mudança, inovação e troca de aprendizado entre as partes envolvidas. (Serpa & Cipolla, 2016). Alinhado à utilização do CDD, utilizamos também o Design Participativo, que garante que todos os interessados estejam envolvidos no processo (Crippa e Cândido, 2008) A partir da proposta de projeto da disciplina foi estabelecida uma parceria com a Creche Espaço Semente do Morro do Borel. Durante a pesquisa de campo e em encontros com a diretora da Creche, foi inteirado que existia um percentual considerável de crianças com características atípicas, mas sem diagnóstico, devido à resistência gerada pela desinformação, esse dado nos permitiu concluir que uma das principais adversidades que permeiam o ambiente educacional em questão é a falta de inclusão de alunos atípicos. Segundo a ASSIM (Associação dos Amigos da Saúde Mental) (2024), as crianças atípicas são aquelas que “têm um desenvolvimento diferente do esperado para a sua idade, devido a uma deficiência intelectual ou física, por exemplo”.

A partir da dificuldade encontrada e da possibilidade de projeto, foi realizada uma densa pesquisa, tendo em vista que não dominávamos o assunto. Foram utilizados livros, artigos científicos, sites de instituições e governos, o que foi responsável por gerar mais interesse sobre o assunto e despertar mais questionamentos de como o design poderia contribuir para essa questão. Foram utilizadas ferramentas do design de serviços para compreender melhor o contexto social, cultural, econômico e ambiental em que a comunidade estava inserida, assim como as crianças atípicas, seus responsáveis e aqueles que os rodeiam.

Entre as diversas possibilidades do porquê dessa falta de inclusão foi concluído que um dos motivos era a desinformação a respeito das crianças atípicas, desinformação esta que atravessa pais e responsáveis, professores e educadores e a sociedade contemporânea brasileira, o qual os moradores do Morro do Borel não estão isentos. Tanto a ausência de informação quanto a presença de informações falsas reforçam estereótipos e preconceitos, que estigmatizam os atípicos, além de prejudicar a procura por um diagnóstico e atrapalhar nos possíveis tratamentos e terapias que poderiam ter sido realizados antecipadamente, como, por exemplo, na primeira infância. Conforme o Fundo das Nações Unidas para a Infância UNICEF (2011), a infância vai desde o nascimento até os seis anos da criança.

Segundo a neurologista pediátrica Isabella Peixoto Barcelos, pós-doutoranda do Hospital Pediátrico da Filadélfia, em depoimento ao *Estadão* em 2024 “Informações falsas são limitadores e prejudicam o diagnóstico precoce de crianças e, conseqüentemente, o trabalho para garantir melhores chances de desenvolvimento. É comum que pais acreditem em terapias milagrosas, perdendo dinheiro e tempo de reabilitação”.

Apesar dessa agravante, existem muitos responsáveis de crianças atípicas que buscam também melhor compreendê-las, assim como suas especificidades, mas sabemos que existem muitas barreiras, sobretudo em zonas periféricas, tanto físicas quanto socioeconômicas, para que estes acessem a informação. Segundo Elaine Silva, moradora de Artur Alvim, periferia de São Paulo, para o site jornalístico *Nós, mulheres da periferia* (2022), “Não existe material suficiente para famílias autistas que sejam claros e assertivos. É muito difícil você encontrar algumas informações. Quando tem [algo] na mídia é muito vago, é uma história de superação bonita. E não é essa história de superação bonita que a gente quer buscar.”

Ainda, segundo o jornalista Raphael de Castro para o jornal *Gazeta do Povo* (2024), “Os centros de tratamento e reabilitação para autistas estão, na maioria, localizados em regiões urbanas centrais, acessíveis às classes mais favorecidas. Nas periferias, são raros os centros especializados, o que força muitas famílias a se deslocarem grandes distâncias para buscar tratamento. Esse deslocamento representa mais um obstáculo para as famílias, que já enfrentam dificuldades financeiras e, em muitos casos, não têm acesso fácil ao transporte público.”

Assim, chegamos após que uma maneira de contribuição na inclusão das crianças atípicas na Creche Espaço Semente seria a de informar e que isto poderia ser feito por meio de uma cartilha. Ou seja, por meio de um material informativo e educativo, priorizando linguagem acessível e propostas viáveis, atingindo profissionais da educação e responsáveis tanto de crianças atípicas quanto típicas, tendo em vista que segundo Freire (1998) “A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades”.

## Objetivo

Nosso objetivo foi desenvolver uma cartilha informativa, utilizando o pensamento projetual e as ferramentas do design de serviços, contendo leis e direitos, redes de apoio, diagnósticos, desafios enfrentados pelos responsáveis, atividades, contatos de especialistas e caminhos para romper com o preconceito. Ela foi elaborada para auxiliar os responsáveis de crianças atípicas, especialmente os de comunidades periféricas, a terem fácil acesso a recursos que facilitem o acompanhamento e o desenvolvimento de suas crianças. Com esta iniciativa, almejamos que os responsáveis adotem práticas que colaborem com a aprendizagem e a socialização dos alunos atípicos da Creche Semente.

## Metodologia

Esta pesquisa-intervenção, de caráter exploratório, utilizou ferramentas do design como estratégia para promover a inclusão no cotidiano escolar e facilitar a compreensão de responsáveis e familiares sobre as condições de crianças atípicas. Para destacar a importância do acesso à informação como um catalisador para a transformação social. A construção da Cartilha Atípica envolveu um processo sistêmico e projetual, que foi além da simples disponibilização de informações, estruturando-se a partir de metodologias que priorizam a imersão na realidade educacional.

O projeto, iniciado na disciplina “elementos do design de serviços”, abordou o papel do design na resposta a necessidades sociais. A metodologia adotada, baseada em pesquisas bibliográficas, debates críticos e a exploração de narrativas literárias e audiovisuais teve como foco o design thinking (pensamento projetual) - que centrada no usuário, propõe uma gestão mais humanizada e inovadora na identificação de problemas, soluções e desenvolvimento de protótipos (Cross, 2011). Assim como o design participativo, aplicado como prática de desenvolvimento em conjunto com todos os interessados no projeto.

Para estruturar essa abordagem, adotou-se a ferramenta do duplo diamante, que organiza o processo criativo em quatro fases: descobrir e definir, nas quais são identificados e filtrados os problemas, e desenvolver e entregar, etapas dedicadas à elaboração de soluções e à realização de testes. Dividido em sete etapas, esse modelo garantiu uma construção mais empática e assertiva da Cartilha Atípica. Além disso, contribuiu para o aprimoramento do método cartográfico de pesquisa-intervenção de Kastrup (2009), que orientou o desenvolvimento da pesquisa e da cartilha por meio de quatro variedades do funcionamento atencional. Esses funcionamentos são representados pelos quatro gestos da atenção – rastrear, toque, pouso e reconhecimento atento –, fundamentais no trabalho do cartógrafo.

O *rastrear* (1) consistiu em uma imersão voltada para a escuta ativa e observação empática, sem alvo pré-definido, levantando dados, tateando e entendendo o cotidiano escolar e as vivências das crianças e da comunidade. O gesto de *toque* (2) focou na identificação de oportunidades de projeto, traçando planos de ação em comum, fortalecendo a participação da comunidade na pesquisa. Enquanto o *pouso* (3) permitiu a prototipagem da cartilha, ajustando os detalhes com base em novas percepções. Por fim, o *reconhecimento atento* (4) consolidou o aprendizado, permitindo reflexões sobre limites e potenciais do projeto, garantindo um artefato didático inclusivo e acessível, a fim de reforçar o design como recurso que contribui para projetar atividades e materiais para a inclusão no contexto educacional.

Como a citação de Mazzarotto & Serpa (2022), que destaca a importância de aproximar a pedagogia crítica de Paulo Freire do design, indo além da educação de designers para repensar o próprio ato de projetar. Esse entrelaçamento implica reconhecer as relações de poder envolvidas no design, compreendendo seu potencial tanto opressor quanto libertador. O questionamento central – “A quem o seu design serve?” – reforça a necessidade de um posicionamento ético e político no processo de criação, tornando o design um instrumento de transformação social.

## Resultados e discussões

Ao final de visitas feitas na creche para conversar com a diretora e observar o ambiente escolar, percebemos que as maiores queixas estavam relacionadas à falta de inclusão, que era gerada por variados fatores, como, por exemplo, estigmatização dos atípicos. Então, demos inícios às entrevistas com responsáveis e a diretora pedagógica, pesquisas feitas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) 2013, onde nos aprofundamos especificamente em cinco dos transtornos mais presentes no ambiente da creche, sendo eles: TEA (Transtorno do Espectro Autista), TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), Dislexia, Tourette e Depressão.

Logo, tomamos conhecimento sobre o dia a dia de ambos (responsáveis, profissionais da creche e alunos) e os tipos de transtornos que estaríamos lidando. Notando que a inclusão de crianças atípicas era dificultada por conta da falta de apoio governamental. Onde pode ser incluído: falta de conhecimento social sobre os transtornos, preconceito presente na sociedade, falta de médicos especializados e acesso a tratamento público de qualidade, entre outros diversos obstáculos. Logo, por mais que não pudéssemos trazer soluções para todos os problemas, (utilizamos o potencial do design de comunicação para criar) conseguimos elaborar uma cartilha que obtinha as seguintes divisões:

- Transtornos (TEA, TDAH, Dislexia, Tourette e depressão): nos aprofundamos brevemente sobre os transtornos e seus tipos, diagnóstico, possíveis causas e sintomas. Em razão da importância do diagnóstico na primeira infância, a fim de minimizar os atrasos no desenvolvimento da criança.
- Leis e direitos: do ponto de vista legal, introduzimos leis e direitos que são cruciais na garantia de direitos de crianças atípicas como acesso à educação, saúde e inclusão social, permitindo que desenvolvam seu potencial e vivam com dignidade. Mencionamos também, como a garantia desses direitos são frequentemente negligenciadas, por isso, é essencial que a sociedade, instituições e governos não apenas criem leis, mas também assegurem seu cumprimento por meio de conscientização e fiscalização rigorosa.
- Desafios a enfrentar: após o diagnóstico, os responsáveis de crianças atípicas lidam também com preconceito e a discriminação que são, na maioria das vezes, frutos da desinformação. Por isso, buscamos orientar sobre as medidas a serem tomadas mediante a essas situações.
- Redes de apoio: sinalizamos pontos de apoio oferecidos pelo governo para auxiliar os responsáveis, visto que há uma grande dificuldade em acessar esses locais. Separando-os em quatro tópicos: diagnóstico e assistência social, grupos de apoio e terapias ocupacionais, educação especial infantil e leis e direitos.
- Atividades: a partir de pesquisas, selecionamos atividades que possam ser feitas com facilidade em casa por responsáveis como também em ambientes escolares. Elencamos as atividades em: multissensoriais; para desacelerar; para percepção auditiva e cognitivas:

A partir desse momento a Cartilha Atípica foi incorporada no Núcleo Design & Escola, uma iniciativa da Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ, dedicada a promover a integração do design no contexto do ensino fundamental e médio. Com uma abordagem

multidisciplinar e criativa, que busca revolucionar a maneira em que as crianças aprendem, capacitando professores e envolvendo os alunos em experiências educacionais enriquecedoras e estimulantes. Após essa parceria, tivemos o retorno do conteúdo mediante responsáveis, da diretora da Creche Semente e de uma psicóloga que atende crianças atípicas. Esse retorno foi essencial para garantir que o conteúdo atendesse bem o público-alvo. A responsável Dandara Machado elogiou o fácil entendimento das informações na cartilha e sinalizou sugestões para melhorias:

Então, achei a cartilha muito legal. Gostei muito. Achei que ficou um resumo bem objetivo. Ficou claro para o entendimento. Achei que ficou bem atrativo, né? Porque as pessoas não se atentam em ler algo que é muito grande. [...] A dica que eu dou, assim, que eu acho que iria ficar muito incrível nas próximas, né, que eu acredito que virão próximas, é focar as questões neurológicas separadamente [...] (Machado D. Comunicação pessoal. 19 de janeiro de 2025)

A responsável Rita de Cássia Rezende destacou a importância da cartilha para as famílias:

A cartilha se debruça sobre uma questão de absoluta relevância no cenário social no qual convivemos atualmente. [...] Acho importante demais esse trabalho para desconstruir a ideia de capacitismo que ainda rodeia o público com deficiência e trabalhos como esses devem ser compartilhados, semeados. Para alcançar o máximo de pessoas e possa fornecer conhecimentos precisos e trocas enriquecedoras, movimentos assim também fazem parte da rede de apoio para muitas famílias, em destaque, as que estão em situação de vulnerabilidade. (Cássia Rezende R. Comunicação pessoal. 19 de janeiro de 2025)

Com isso, conseguimos trazer uma grande visibilidade para a Cartilha Atípica e apresentá-la em eventos, sendo esses:

- Rio Innovation Week, um evento de tecnologia e inovação, onde ocorrem palestras, experiências imersivas, encontros de negócios, entre outros. Tivemos uma ótima resposta, incentivos, interesse em obter a cartilha e propostas de novas parcerias.
- Faz&Edu - Fazedores e Educação, o evento, que ocorre na ESDI/UERJ, busca reunir pessoas que querem tornar o ambiente escolar e a forma de aprendizagem mais criativa e inclusiva, onde são apresentados projetos que tornaram esse objetivo possível.
- Semana do Design - Evento que ocorre por uma semana no campus acadêmico de design ESDI/UERJ, onde recebemos escolas de diversos lugares a fim de mostrar como é o meio acadêmico e trazer o interesse desses alunos. Nesse evento é apresentada toda estrutura do curso e projetos feitos por alunos, como a cartilha atípica.

## Expectativas sobre o futuro

Portanto, com toda a repercussão e visibilidade que tivemos, pretendemos futuramente trabalhar e melhorar a cartilha trazendo novas atividades que possam ser praticadas tanto em casa quanto no ambiente escolar, assim como, imagens e ilustrações que representem visualmente como as realizar. Uma versão online visando torná-la mais acessível, onde poderá ser acessada gratuitamente por meio de dispositivos móveis e computadores, garantindo que as informações estejam ao alcance de inúmeras famílias e escolas. Com o aporte do Núcleo Design & Escola da ESDI/UERJ queremos expandir o projeto da Cartilha Atípica para novas escolas públicas do Rio de Janeiro, como, por exemplo, a Escola Municipal Maestro Francisco Braga e a Escola Municipal João Saldanha. Além de prosseguir em parceria com a Creche Espaço Semente, desenvolvendo e colocando em prática as atividades. Com isso, esperamos acessibilizar as informações por meio de uma linguagem simples e de um material didático ilustrativo, a fim de fortalecer o ambiente escolar e familiar, tornando-o mais inclusivo ao desmistificar estigmas.

## Considerações finais

Entendemos que a experiência vivenciada na parceria com a Creche Espaço Semente, onde surgiu o projeto da cartilha para crianças atípicas, demonstrou o quanto o design de serviços pode ser útil na promoção da inclusão social, especialmente na educação infantil. A elaboração da Cartilha Atípica não apenas atendeu a uma demanda urgente por informação, conscientização e uma linguagem acessível sobre as crianças atípicas, mas também é um recurso valioso para os responsáveis, educadores e a comunidade em geral. Os depoimentos positivos recebidos de responsáveis e profissionais reforçam a relevância e a eficácia do material contido na cartilha, evidenciando a necessidade de iniciativas semelhantes. A Cartilha Atípica é um exemplo de inovação social e tem potencial para continuar se desenvolvendo no sentido de promover informação e principalmente inclusão. Mediante uma metodologia que tem como foco a comunidade, foi possível identificar as demandas sociais acerca da inclusão de crianças atípicas em um local em vulnerabilidade social, conseqüentemente carente de informação e de forma colaborativa pudemos desenvolver protótipos e sugerir uma solução mais empática e que respondesse a principal necessidade da Creche Espaço Semente.

## Referências

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (M. I. Nascimento, Trad.). Artmed. (Obra original publicada em 2013).
- American Psychiatric Association. (2022). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR*. Artmed.

- Associação dos Amigos da Saúde Mental. (2024). Entenda o significado de criança típica, atípica e neurotípica. *Associação dos Amigos da Saúde Mental*. <https://saudemental.org.br/entenda-o-significado-de-crianca-tipica-atipica-e-neurotipica/>
- Castro, R., (2024, 11 de novembro). Os desafios do acesso terapêutico para crianças com TEA nas periferias. *Gazeta do Povo*. <https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/os-desafios-do-acesso-terapeutico-para-criancas-com-tea-nas-periferias/>
- Crippa, G., & Cândido, L. (2008). Explorando Design para Sistemas de Informação: Modelos, Métodos e Práticas. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, 1(1), 99-119. <https://revistas.usp.br/incid/article/download/64103/82234/107314>
- Cross, N. (2011). *Design thinking: Understanding how designers think and work*. Berg Publishers. <https://doi.org/10.5040/9781474293884>
- Design Council. (n.d.). *The Double Diamond*. Design Council. Retrieved February 19, 2025, from <https://www.designcouncil.org.uk/our-resources/the-double-diamond/>
- Echos. (2020, October). *Duplo diamante: O que é e como aplicar o método no design*. Escola Design Thinking. Retrieved February 19, 2025, from <https://escoladesignthinking.echos.cc/blog/2020/10/duplo-diamante/>
- ESDI/UERJ. (2025). *História*. <https://www.esdi.uerj.br/historia>
- JOCUM Borel. (2025). *Creche Espaço Semente*. <https://www.jocumborel.org.br/projetos/creche-semente/>
- Kastrup, V. (2007). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Fractal: Revista de Psicologia*, 19(1), 63-80. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/744>
- Kastrup, V. (2019). A invenção da atenção. *Revista Polis e Psique*, 9(4), 35-56. [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X2019000400007](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2019000400007)
- Kastrup, V., Escóssia, L. da, & Passos, E. (Org.). (2015). *Pistas para o método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Sulina. <https://desarquivo.org/sites/default/files/virginia-kastrup-liliana-da-escossia-eduardo-passos-pistas-para-o-metodo-da-cartografia.pdf>
- Kastrup, V., & Barros, L. P. (2009). Cartografar é acompanhar processos. In E. Passos, V. Peixoto Barcellos, I. (2024, 2 de abril). Desinformação prejudica diagnóstico e terapia precoce do autismo, diz médica. *Estadão*. <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/desinformacao-prejudica-diagnostico-e-terapia-precoce-do-autismo-diz-medica/>
- Serpa, B., & Cipolla, C. (2016). Inovação social e processos de cocriação para empoderamento da comunidade escolar. *12º P&D 2016 – Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*.
- Silva, E. (2022, 1 de abril). Informação protege: autismo, maternidade e desinformação nas periferias. *Nós, mulheres da periferia*. <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/especial/informacao-protege-autismo-maternidade-e-desinformacao-nas-periferias/>
- UK Design Council. (2015). *Design methods for developing services*. <https://www.design-council.org.uk/our-resources/archive/reports-resources/design-methods-developing-services/>
- UNICEF. Desenvolvimento infantil. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/desenvolvimento-infantil>, 2011. Acesso em 20 fev. 2025.
- Vianna, B., & Mello, C. (2024). Design de serviço para orientação vocacional: design no Ensino Médio. *XV Congreso de Enseñanza del Diseño*. Universidad de Palermo.

---

**Abstract:** This project is the result of discussions held in the course Elements of Service Design, taught by Professor Bianca Martins in the 2024.1 semester at the School of Industrial Design (ESDI), located in Rio de Janeiro, Brazil. Based on the subject proposal, it was necessary to analyze a teaching environment and identify problems present in these places that could be addressed by students using design thinking and the tools of service design. To this end, we started a partnership with the Semente nursery school, located in Morro do Borel, a peripheral community in the city of Rio de Janeiro. Then, through meetings with the principal, we identified the lack of inclusion of atypical students. Faced with this challenge, based on observations in the field and research carried out using articles, books, government websites and information from the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5) 2013, a booklet was developed to provide means of inclusion and information in an accessible way for those responsible for the students. This booklet contains information on five disorders: autism spectrum, ADHD, dyslexia, Tourette's and depression, without neglecting the importance of others. It also covers topics such as laws and rights, support networks, challenges faced by guardians and activities that can be carried out at home.

**Keywords:** Design - inclusion - atypical - primer - service design - early childhood education

**Resumen:** Este proyecto es el resultado de las discusiones mantenidas en el curso Elementos de Diseño de Servicios, impartido por la profesora Bianca Martins en el semestre 2024.1 en la Escuela Superior de Diseño Industrial (ESDI), ubicada en Río de Janeiro, Brasil. A partir de la propuesta de la asignatura, fue necesario analizar un entorno de enseñanza e identificar problemas presentes en estos lugares que pudieran ser abordados por los estudiantes utilizando herramientas de design thinking y service design. Para ello, iniciamos una colaboración con la Escuela Infantil Semente, situada en Morro do Borel, una comunidad periférica de la ciudad de Río de Janeiro y a través de reuniones con el director, identificamos la falta de inclusión de alumnos atípicos. Frente a este desafío, a partir de observaciones en el campo y de investigaciones realizadas utilizando artículos, libros, sitios web del gobierno e información del Manual Diagnóstico y Estadístico de los Trastornos Mentales (DSM-5) 2013, se elaboró un folleto con el objetivo de proporcionar medios de inclusión e información de forma accesible para los responsables de los alumnos. Este folleto contiene información sobre cinco trastornos: espectro autista, TDAH, dislexia, Tourette y depresión, sin olvidar la importancia de otros. También trata temas como las leyes y los derechos, las redes de apoyo, los retos a los que se enfrentan los cuidadores y las actividades que pueden realizarse en casa.

**Palabras clave:** Diseño, inclusión - atípico - manual - diseño de servicios - educación infantil temprana

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo.]

---